

## Prefácio

### Persuadir pelo *logos*

Ana Cristina Carmelino

A proposta de um prefácio como este é a de persuadir o leitor sobre a relevância da obra, despertando interesse sobre ela. Nesse contexto, que estratégias retóricas e argumentativas seriam as mais adequadas a esse fim? Certamente aquelas que acentuam as virtudes do livro, destacadas, no entanto, com prudência, racionalidade, razoabilidade; do contrário, poderiam soar falsas. É pelo poder persuasivo do discurso que isso é feito, um dos sentidos do *logos*, justamente o tema desta publicação.

Com *Inteligência retórica: o logos*, o grupo ERA (Estudos Retóricos e Argumentativos), sediado na PUC- SP e liderado pelo doutor Luiz Antonio Ferreira, cumpre uma importante etapa na consolidação dos estudos retóricos contemporâneos no Brasil. Traz aos leitores um estudo específico sobre o *logos*, prova retórica que vem completar a trilogia a que os pesquisadores se propuseram investigar ao longo de três anos. As duas obras anteriores, *Inteligência retórica: o ethos* (2019) e *Inteligência retórica: o pathos* (2020), tornaram-se referências e leituras necessárias a quem estuda o assunto e aos curiosos pelo campo da Retórica.

Abordar o *logos* não é tarefa simples, uma vez que o termo tem sentido amplo. Caracterizado muitas vezes como razão, raciocínio lógico ou discurso em si, ele é visto não só como o que agencia a relação entre o discurso racional e o mundo (como destaca Heráclito), mas também como prova de persuasão, centrada no discurso, “pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (segundo Aristóteles). Trata-se, portanto, do discurso

fundamentado na racionalidade, visto em contraposição ao *ethos* (referente ao caráter do orador ou confiança que ele inspira) e ao *pathos* (relativo aos afetos e ao auditório).

Persuadir pelo discurso, que se faz pela prova do *logos*, como nos ensina Aristóteles, exige empenho. Primeiro porque é preciso observar de onde provêm as provas, de que forma o ato retórico se fundamenta na *doxa* e o modo pelo qual molda os raciocínios, as premissas, as estratégias argumentativas por meio da linguagem. Segundo porque há uma gama de instrumentos linguísticos a que os oradores podem recorrer para sustentar um ponto de vista e introjetar verdades, caso dos argumentos propriamente ditos, das figuras e dos lugares retóricos, das falácias e das escolhas lexicais. Terceiro porque é importante atentar para a forma de se expressar (clareza, correção, adequação do estilo ao assunto tratado, expressão apropriada a cada gênero, organização do discurso).

Como se pode observar, é um terreno vasto o percorrido pelos autores dos capítulos que compõem esta obra. É uma trilha ainda a ser desbravada, dado que há pouco sobre o tema reunido em livro. Os pressupostos teóricos que fundamentaram as discussões foram centrados não só, mas especialmente no campo da Retórica e Nova Retórica, ancorados, entre outros, em Aristóteles (*Retórica, Ética a Nicômaco, Política, Ética*), Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (*Tratado da Argumentação: a nova Retórica*).

A originalidade da obra faz com que ela deixe um legado, que fica ainda mais evidenciado ao se observar o conteúdo da publicação. Os capítulos demonstram o necessário esforço seja para refletir teoricamente sobre a noção de *logos* (buscando seu fundamento, os lugares em que se inscreve, como foi caracterizado ao longo do tempo por meio de perspectivas diversas), seja para associar o conceito a outras teorias, seja para aplicá-lo a diferentes objetos de análise, em discursos contemporâneos ou não, em busca de desvendar a arquitetura retórica e argumentativa do(s) orador(es) ou de entender o funcionamento de estratégias envolvidas na tessitura da racionalidade.

Além das reflexões teóricas, movidas pela atualização ou pelo alargamento do conceito de *logos*, uma das questões norteadoras da obra ou que motivou a grande maioria das produções foi a de buscar entender a fundo como se configura no discurso a constituição argumentativa de oradores que tratam dos vícios e das virtudes. Ou, mais precisamente, como, retoricamente e ao longo do tempo, as virtudes e os vícios humanos se traduziram (e se traduzem) no discurso. Reflexões que se ancoram na ética aristotélica e comprovam a validade e a consistência que o arcabouço teórico-metodológico dessa área gera no meio científico.

Se no ato retórico está implicada a manifestação de virtudes ou vícios, pode-se considerar que os capítulos de *Inteligência retórica: o logos* puderam demonstrar muitas virtudes, como competência e prudência com que as questões propostas foram abordadas. A eficiência argumentativa contou também com determinação, entusiasmo, disciplina,

estilo correto, sabedoria, precisão. Tudo isso aparece concentrado em uma virtude maior dos integrantes do grupo ERA e dos convidados a participarem da obra: a generosidade. Generosidade de compartilhar conhecimento.

É isso que o leitor poderá conferir ao ler esta obra, que, juntamente às outras duas que compõem a trilogia, trata de uma leitura necessária, a que ficam todos convidados. Se, para Aristóteles, na *Retórica*, “persuadimos pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular”, esperamos, pelo *logos* deste prefácio, ter persuadido o leitor sobre a importância da obra, que reflete com propriedade os desdobramentos e as aplicações dos estudos retórico-argumentativos em nosso país.

